

AMBIVALÊNCIAS

FORMAS SOCIAIS E CULTURAIS NO BAIRRO DE ALFAMA

António Firmino da Costa

1. Interior e exterior

Alfama é um bairro extremamente fechado sobre si próprio. Entra-se nele, por um dos vários e apertados arcos, ruelas ou escadinhas que o ligam à cidade envolvente, e tem-se a impressão de se ter mergulhado num mundo à parte. Respira-se uma atmosfera muito particular, desfruta-se um cenário urbano espantosamente labiríntico, captam-se ou adivinham-se sintomas fragmentários de uma vida social intensa e intensamente singular.

Construída na encosta que desce a colina do Castelo até ao Tejo, Alfama caracteriza-se pela especificidade ecológico-urbanística do seu espaço interior. Do alto do miradouro de Santa Luzia, sobranceiro a Alfama, avista-se todo o bairro. O casario estende-se pela encosta abaixo, encavalitado, irregular, de paredes claras, às vezes de azulejo, e de telhados vermelhos, erçados de antenas de televisão. As vielas labirínticas não se conseguem distinguir, tal a densidade dos prédios. Ao fundo fica o Tejo. Desce-se um lanço de escadinhas e, subitamente, entra-se num outro mundo. A vista de horizontes largos desaparece. O bairro fecha-se sobre o visitante. O olhar bate, continuamente, nas paredes que, por todo o lado, apertando-se se levantam. Do céu só se avistam estreitos rectângulos azuis, entre beirais. A vida citadina lá de fora deixa de se ver, de se ouvir, de se sentir. A luminosidade é aqui outra, difusa, como que originária do próprio bairro. À noite os becos escuros são pontuados, aqui e ali, por candeeiros de ferro trabalhado.

Em Alfama há alguns pontos de referência principais. Um é o Largo do Chafariz de Dentro, ao fundo da encosta. Centro da vida do bairro, nele desaguardam inevitavelmente as ruas e as pessoas. Constitui, de algum modo, o pólo oposto a Santa Luzia e às Portas do Sol, miradouros situados no cimo do bairro. Do Chafariz de Dentro, também conhecido localmente por Tanque dos Cavalos, parte a única rua que merece esse nome: a Rua dos Remédios, traçada a direito e mais larga que as outras. Outros pontos de referência são as igrejas de São Miguel e de Santo Estêvão, cada uma de seu lado, a meio da encosta. Dos nomes das igrejas baptizaram-se as

duas freguesias de Alfama, precisamente São Miguel e Santo Estêvão, limites administrativos retomados sem dúvida dos perímetros das paróquias locais, cuja ancestralidade remonta provavelmente ao século XII.

A densidade populacional nestas freguesias é muito elevada. É uma das maiores de Lisboa, apesar de os edifícios serem baixos e antigos. Uma boa parte da população trabalha no bairro, em actividades ligadas ao porto (estivadores, trabalhadores de tráfego portuário, conferentes, funcionários da alfândega, empregados de agentes de navegação, de transitários e de despachantes), no pequeno comércio local (incluindo cafés, restaurantes, tabernas, cervejarias, bares, casas de fado, mercearias, mercado de peixe, frutas e hortaliças das Ruas de São Pedro e de São Miguel, comércio ambulante) e num conjunto imprecisamente definido de actividades marginais. As relações de interconhecimento formam uma rede espessa e intrincada. Sobre-põem-se relações de parentesco, de vizinhança, de amizade, de convívio, de cumplicidade, de camaradagem, de compadrio e de patrocínio. As práticas do quotidiano no bairro entrecruzam-se nas colectividades de cultura e recreio, nas tabernas e cafés, nas leitarias e mercearias, e também nos espaços abertos das ruas, becos, escadinhas e pequenos largos.

A utilização social da rua pelos moradores é intensa. Até há poucas décadas chegava-se, inclusivamente, a dormir nas ruas. Pelo tempo quente estendia-se uma manta ou uma esteira na calçada, ao pé de casa, e ali se dormia. As casas são exíguas, envelhecidas, pouco arejadas, muitas delas inseguras e com instalações sanitárias deficientes. No Inverno a água infiltra-se pelos telhados e paredes. No Verão abafa-se dentro de casa. Estas condições de habitação, a traça apertada e multiforme da malha urbana, a intensidade das relações de interconhecimento, o carácter recorrente das práticas de sociabilidade, são factores propiciadores da utilização frequente e variada da rua. Come-se na rua, em mesas e bancos de madeira, com as brasas a arder num fogareiro ali ao lado. Faz-se da rua ponto de encontro e de permanência. Encostados às paredes, ao fim da tarde e à noite, homens e rapazes conversam. Ao longo do dia, as mulheres juntam-se em pequenos e animados círculos. Há na rua vendas fixas e ambulantes. De vez em quando, há alguém que, ao cair do dia ou noite escura, aparece com uma guitarra ou uma viola, dedilha e canta um fado. Na rua, não há ainda muitos anos, chegava de madrugada, ao fim de uma noite de boémia, a mulher da fava-rica, apregoava-se o «erre, erre, mexilhão», as castanhas, o aguadeiro e, hoje ainda, o vendedor de farturas. Na rua brincam os miúdos, estende-se a roupa e amontoa-se o lixo.

O interior do bairro é cenário de uma constelação de práticas culturais, de estilos de comportamento, de formas de interacção, de valores, normas e representações sociais, que dão a Alfama um perfil cultural muito próprio e produzem na sua população um forte sentimento de identidade colectiva e alfamista. Elementos salientes dessa configuração cultural são, por exemplo, as festas cíclicas (sobretudo as dos Santos Populares), as colectividades de cultura e recreio, o fado amador

(ou «fado vadio»), uma maneira de ser, de pensar e de agir característica dos habitantes do bairro: folgazões, astutos, brigões, desenrascados, faladores, rápidos e habilidosos no gesto, mordazes no dizer. Dessa configuração é ainda elemento central, como se disse, a vincada identidade cultural de Alfama. Há, na sua população, um acentuado sentimento de pertença ao bairro e uma representação de Alfama como entidade claramente demarcada e contrastante com o seu exterior.

Mas esta primeira visão panorâmica de tecido social e cultural de Alfama é apenas uma das faces da moeda. Uma prolongada pesquisa de terreno no bairro ¹ permitiu captar estes aspectos. Mas conduziu também a captar outros, que surgem, um tanto paradoxalmente, como contrapostos, alternativos, ou definindo polaridades, ambiguidades, contradições com os primeiros, com eles coexistindo simbiótica e tensionalmente, num emaranhado complexo de inter-relações.

Tomemos, como exemplo, a última das características do bairro assinaladas: a da vincada identidade cultural de Alfama. É certo que esta, como de forma muito sumária se deixou entender, é produzida continuamente a partir de um feixe de factores internos ao bairro, que vão da especificidade morfológica da sua malha urbana às características próprias das actividades, das redes de relações sociais e das práticas culturais que ali se entrelaçam. Mas, por outro lado, essa identidade é também, em grande parte, produzida a partir do exterior. A política cultural do Estado Novo, o pelouro turístico da Câmara Municipal de Lisboa, certo jornalismo, a olisipografia folclorizante, um conjunto de actividades ligadas ao turismo (com os seus mapas, roteiros, folhetos, cartazes, postais, excursões, exposições, espectáculos, festas, vendas, restaurantes, bares, casas de fado), foram e são um conjunto de vectores convergentes, investindo Alfama com um discurso exterior que a constitui em objecto «típico». Mas, por sua vez, isso não quer dizer que Alfama, enquanto entidade demarcada, com identidade própria, seja exclusivamente um artefacto de uma manipulação e de um discurso externos. Esta produção externa de identidade não teria sido possível nem duradoura se não se tivesse de algum modo baseado na apropriação, afeiçoamento e divulgação de formas culturais localmente enraizadas. Por outro lado, não é menos efectiva e notória a re-utilização pela população local, segundo expedientes vários, dessa solicitação externa. Nem se pode ignorar os efeitos de reforço que a definição externa de identidade tem provocado na interiorização de representações localmente partilhadas da identidade de Alfama

¹ Pesquisa realizada, desde 1980, pelo autor e por Maria das Dores Guerreiro. Dela resultaram já algumas publicações, nomeadamente de António Firmino da Costa e Maria das Dores Guerreiro, *O Trágico e o Contraste — O Fado no bairro de Alfama*, Lisboa, D. Quixote, 1984, e de António Firmino da Costa, «Entre o Cais e o Castelo: Identidade Cultural num Tecido Social Inigualitário», in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 14, 1984, «Alfama: entreposto de mobilidade social», in *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 2, 1984, «Espaços urbanos e espaços rurais: um xadrez em dois tabuleiros», in *Análise Social*, n.ºs 87-88-89, 1985. O presente artigo retoma, sob outra problematização, fragmentos dessas publicações.

e no accionamento de práticas que simbolizam essa identidade. Eis como, na produção continuada de identidade cultural, o interior e o exterior se contrapõem, complementam e articulam, num novelo de inter-relacionamentos recíprocos. Ou, dito de outro modo, como a identidade cultural de Alfama é, ambivalentemente, um produto interno e externo.

Em muitos outros aspectos se manifesta em Alfama a ambivalência entre dimensões interiores e exteriores. É o caso das relações sociais que atravessam instituições locais ou sedes locais de instituições supralocais, desde as colectividades de cultura e recreio e as autarquias, às escolas, igrejas e partidos. As redes de relacionamentos e as estratégias sociais de indivíduos e grupos que nelas se entrecruzam caracterizam-se por profundas ambivalências entre as determinações exteriores e interiores. Um exemplo bem ilustrativo é fornecido pela história da mais antiga colectividade do bairro, a Sociedade Boa União. Foi criada em 1870 pela pequena burguesia local (comerciantes, pequenos industriais, funcionários públicos) com o intuito de constituir um espaço de convívio «respeitável», alternativo às tascas e às ruas frequentadas por marinheiros, carregadores e prostitutas. Por volta dos anos vinte deste século, sofre uma viragem, protagonizada por novos elementos de outras extracções sociais, mormente operários e empregados do comércio. A par das anteriores almoçaradas, e dos jogos da laranjinha, das cartas e do futebol, dos carnavais, das cegadas e dos fados, passou a fazer-se teatro amador, montou-se uma biblioteca, instalaram-se aulas de português e de outras línguas, iniciaram-se classes de ginástica. A Boa União funcionou repetidamente como interlocutor preferencial do bairro com o poder municipal e estatal, constituindo-se em «sala de visitas» por excelência de Alfama, recebendo chefes de Estado, ministros e embaixadores, no contexto da política cultural paternalista e populista do salazarismo. Era inclusivamente a Boa União que representava Alfama nas Marchas Populares de Lisboa, pelo Santo António. Na colectividade jogavam-se, em articulação complexa, relações sociais locais e representações simbólicas de identidade bairrista, instrumentalização pelos poderes instituídos e aproveitamento clientelista de influências e recursos a favor da colectividade e dos sócios, demonstrações de convivência com figuras gradas do regime e práticas de resistência oposicionista à ditadura fascista². Neste e nos outros casos (de colectividades, autarquias, escolas, igrejas, partidos), as interinfluências, as manipulações recíprocas, as conivências e as oposições que, nos dois sentidos, de dentro para fora e de fora para dentro do bairro, se encadeiam e entrecrocaram, produzem permanentemente formas e processos sociais ambivalentes.

É também o que se passa com uma série de outras facetas do bairro. Entre os vários exemplos que se poderia apontar conta-se o referente aos fluxos de mobilidade

² Ver também José Manuel Viegas, *Associativismo e dinâmica cultural em meios populares — o caso da Boa-União de Alfama*, Provas de aptidão pedagógica e científica, Lisboa, ISCTE, 1985.

geográfica e social que atravessam o bairro, de que falaremos mais adiante. E conta-se também o que se passa com a definição do perímetro ou das fronteiras de Alfama. Problema este, aliás, intimamente relacionado com o da produção da identidade cultural do bairro. Quais são os limites de Alfama? É difícil estabelecê-los. Actualmente Alfama não é uma circunscrição administrativa. E, no entanto, há um recorrente discurso exterior sobre Alfama que a localiza genericamente numa certa zona da cidade, e há um discurso interior sobre a pertença a Alfama e sobre as demarcações face a realidades sociais e espaciais exteriores. Os dois discursos, implicitamente, pressupõem uma delimitação espacial. Historicamente Alfama foi uma designação administrativa, que sofreu várias contracções e alargamentos até 1867, data em que foi abolida. Nos mapas turísticos Alfama é um conjunto de seis letras escritas sobre um traçado apertado de ruelas, sem indicar qualquer contorno definido. Por sua vez, as gentes do bairro nem sempre dão respostas precisas e coincidentes. Em zonas de fronteira pudemos mesmo ouvir pessoas que diziam habitar Alfama se pensavam estar a ser objecto de uma procura turística, mas pouco depois contarem uma história de rivalidade, de conflito «entre nós e os de lá de baixo, de Alfama»! E isto a propósito das festas dos Santos Populares, momento particularmente sensível à representação simbólica de identidade colectiva. Não alongando aqui a exposição, diremos apenas que se revela inquestionável ser o núcleo de Alfama constituído pelas freguesias de Santo Estêvão e São Miguel. Mas a identidade colectiva simbolicamente representada é objecto de disputa e de manipulação, resultado ambivalente e instável dos sempre renovados choques entrecruzados de definições internas e externas.

2. Permanência e mudança

Uma das impressões fortes com que se fica do contacto com Alfama é a de que, nela, o tempo parou. Ou, pelo menos, a de que tem ali um escoar mais lento, uma viscosidade mais forte. Factor que muito contribui para esta impressão de permanência é, certamente, a morfologia arquitectónica e urbanística do bairro. A malha urbana é estreita e irregular, de tipo árabe e medieval. As casas são antigas. Por todo o lado há elementos arquitectónicos que remetem para o passado, desde os azulejos às pedras trabalhadas, desde as capelas e igrejas aos palácios, desde os arcos aos chafarizes.

A origem histórica do bairro é provavelmente quase tão antiga como a da cidade. Sem entrar em pormenores, lembre-se que a povoação que originou Lisboa existia já anteriormente à ocupação romana. Parece datar desta última época a primitiva urbanização da encosta situada entre o castelo e o rio. As muralhas do castelo e a chamada «cerca moura», talvez de facto de origem visigótica, foram reconstruídas pelos árabes a partir da conquista de 714. Em 1147 Lisboa era cercada, assaltada

e conquistada pelos exércitos do primeiro rei português e dos cruzados nórdicos. Entre estas duas datas decorreram mais de quatrocentos anos de permanência árabe. Segundo Alexandre Herculano, Alfama foi nessa época o bairro nobre e culto, arrabalde da Lisboa gótica, situada do lado de fora da primeira cerca de muralhas que, descendo do castelo até à zona ribeirinha, envolvia parte da encosta urbanizada. Ainda segundo Herculano, «quando, porém, no século XIII a população cristã, alargando-se para o ocidente, veio expulsar os judeus do seu bairro primitivo, situado na actual cidade baixa, e os acantou para a parte sul da catedral, a Alfama foi perdendo gradualmente a sua importância, e converteu-se afinal num bairro de gente miúda e, sobretudo, de pescadores»³. Com o enorme surto de comércio e, em particular, do tráfego marítimo da época dos Descobrimentos, nobres e ricos mercadores vieram instalar-se no bairro ribeirinho. Sobrevivência notável dessa época é a famosa «casa dos bicos», construída por um filho de Afonso de Albuquerque. O terramoto de 1755 e o incêndio que se lhe seguiu destruíram quase toda a Alfama. Não inseridos nos planos da moderna e geométrica reconstrução pombalina, os terrenos do bairro tenderam a servir ao realojamento de camadas baixas da população. Mas a segregação espacial das classes não era ainda a norma urbanística nem correspondia às características do sistema de relacionamentos sociais. Alfama está polvilhada de palácios, casas grandes e mansões, rodeados pela malha apertada de casario plebeu. Um estudioso de Lisboa, Norberto de Araújo⁴, referencia e descreve dezenas desses prédios e historia-lhes os proprietários, nobres fidalgos e abastados burgueses, que aqui se instalaram ao longo dos últimos séculos. Ainda hoje, famílias de linhagem aristocrática ou de longa tradição de elevado estatuto social ocupam alguns desses imponentes edifícios.

A mesma marca de permanência parece estampar-se nos modos de vida, nas actividades profissionais e nos estilos de comportamento quotidiano, nas redes de inter-relacionamento e nas práticas culturais.

Grande parte da população trabalha em actividades ligadas ao porto. O maior contingente é o dos trabalhadores portuários: estivadores, trabalhadores do tráfego e conferentes. Há também empregados de despachantes e de agências de navegação, funcionários da alfândega e da administração do porto de Lisboa e alguns marítimos. Relacionados também com a actividade do porto, embora de forma indirecta, contam-se os proprietários e empregados de tascas, restaurantes, leitarias, cafés, comércio variado, e os que se ocupam em actividades marginais de diverso tipo. Um pouco na confluência de tudo isto com o turismo aparecem as casas de fado, aliás situadas também na confluência das linhas urbanísticas de Alfama, na zona do

³ Alexandre Herculano, *O Monge de Cister* (1848), Lisboa, Bertrand, 22.ª edição, s/d, pp. 148 e seg. Ver também, de Maria José Paixão, *Alfama — Contribuição para o estudo de uma área natural de Lisboa*, Lisboa, ISCSPU, 1972.

⁴ Norberto de Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, Livro X, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1940.

Chafariz de Dentro. São actividades em que os processos de trabalho são tradicionais e pouco qualificados, e em que as relações de trabalho envolvem regras de recrutamento, de cooptação, de lealdade, de funcionamento e de recompensa muito frequentemente baseadas nos valores e nas redes do parentesco, da vizinhança, da conterraneidade, do compadrio e do patrocínio. Parecem conotar, em suma, com arcaísmo e permanência.

O mesmo se pode dizer do estilo de vida e das práticas culturais. À proximidade, frequência, intensidade e sobreposição dos relacionamentos quotidianos no bairro, junta-se um conjunto de práticas culturais de recorte bem nítido e característico, que parece também remeter para a temporalidade alongada das continuidades e das recorrências. Um exemplo flagrante é o fado, de que se falará no ponto seguinte. Outro exemplo, não menos flagrante, é o do ciclo festivo. Marca mais saliente são as festas dos Santos Populares, particularmente a de Santo António. O bairro é então autenticamente invadido por multidões de lisboetas e turistas estrangeiros que ali vão comer caldo verde, sardinha assada, chouriço e arroz-doce, beber vinho tinto, comprar manjericos com quadras populares em tiras de papel, dançar ao som de um gira-discos, de um conjunto *rock* ou de um «cavalinho» composto normalmente por cinco elementos de uma banda de música. A maior parte dos visitantes acaba por não fazer nada disto e limita-se a ser arrastado, na noite quente de Verão, pelas filas compactas de pessoas que dificilmente circulam pelas ruelas apertadas. Os de Alfama instalam, pelas ruas e becos, os «retiros» onde vendem os «comes e bebes». Algumas colectividades armam «tronos de Santo António». As ruas estão enfeitadas com lâmpadas, com balões e com festão, de variadas cores. Outro momento festivo de continuada importância é o Carnaval. Quem organiza as festas são as colectividades. Além de concursos de máscaras, bailes e palhaços, realizam o enterro do entrudo, à meia-noite de terça-feira de Carnaval. A cerimónia é bastante ritualizada, com personagens como o morto, o padre, o sacristão, a viúva, com a leitura do testamento e com o cortejo que sai à rua e se confronta com as pessoas às janelas, no meio de grande gritaria, risos, projecteis variados e água lançada sobre os circunstantes. A celebração destas festividades cíclicas perde-se na noite dos tempos e, em certo sentido, apesar das alterações que vão sofrendo, nada como elas evoca a permanência cultural⁵.

Permanência é, pois, um dos traços de Alfama. E no entanto, por outro lado, quadro habitacional, modos de vida, actividades profissionais e formas culturais, são domínios atravessados por significativos, e por vezes mesmo acelerados, processos de mudança. Fluxo de mudança este que ambivalentemente se combina com o espesso escoar temporal das continuidades.

⁵ Ver, por exemplo, Ernesto Veiga de Oliveira, *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa, D. Quixote, 1984.

É o que se passa, desde logo, no aspecto urbanístico e habitacional. É o proliferar súbito de portas e janelas de alumínio e o regresso posterior, em certos casos, a materiais tradicionais, sob a influência da moderna valorização da conservação do património tradicional. É a lenta e difícil, mas persistente e inelutável, adaptação do espaço interno das habitações para a construção de instalações sanitárias. Foi o calcetamento das ruas e escadinhas, ou a instalação de gradeamentos e corrimãos de ferro, ou a construção de arcos sobre certas vielas, por meados deste século, e que, ao olhar desprevenido, surgem como elementos típicos de imutabilidade milenar desta paisagem urbana. É a reconversão de casas de habitação em escritórios, que se acentuou rapidamente nos últimos anos, tendo por consequência uma crescente desertificação nocturna de zonas ribeirinhas. É a recente movimentação da população local e o empenhamento activo das juntas de freguesia, na procura de uma sempre reticente e protelada intervenção camarária e estatal para a recuperação urbana das muitas casas que se encontram em estado avançado de degradação, sem que essa recuperação signifique o risco de expulsão do bairro dos actuais moradores. Neste sentido, e na sequência de alguns anos de esforços, criou-se em 1987, em Alfama, a Associação do Património e da População de Alfama. Nos últimos tempos, a par da acentuação da degradação de muitos prédios, os novos arrendamentos sofreram uma subida espectacular, colocando essas casas fora do alcance da população que tem habitado Alfama. Aumenta entretanto a quantidade dos intelectuais e artistas, profissionais liberais, quadros e professores que, com suficiente capital cultural para se apropriarem dos critérios de distinção simbólica cada vez mais associados à valorização do património ecológico, histórico, arquitectónico e cultural, possuem também suficiente capital económico para comprar ou alugar uma casa nos locais da cidade em que mais se sedimenta esse valor simbólico. Em resumo, agora é «fino» morar em Alfama. Assim, paradoxalmente, as características que têm feito de Alfama um bairro popular, podem vir a contribuir para lhe alterar a composição social predominante e, com isso, a modificar-lhe algumas das mais marcantes características que servem de pólo de atracção a este movimento de recomposição social. Dito de outro modo, características de permanência do bairro contribuem para desencadear, numa confluência de circunstâncias que seria muito longo dissecar aqui, um processo de mudança, o qual, se prolongado, tem tendência a minar algumas das mais salientes dimensões de permanência que, precisamente, são uma das bases de dinamização da mudança. É um caso exemplar da ambivalência, por vezes preversamente paradoxal, presente na interpenetração da continuidade e da mudança nos processos sociais.

Muitos outros casos se poderiam referir para ilustrar esta ambivalência. Como vimos, grande parte das actividades em que se encontra envolvida a população do bairro continuam directa ou indirectamente ligadas ao porto. Mas, para falar só neste século, houve significativas transformações desde o tempo dos

descarregadores do carvão, os «loíças», das primeiras décadas, passando pela estiva do trabalho predominantemente braçal e do «conto» dos «homens-da-rua», até à actual situação de gestão tripartida da actividade portuária (sindicatos, agentes de navegação, administração do porto), de cada vez maior utilização de equipamento moderno e pesado nas cargas e descargas, de tendência para a maior formação profissional e para a diminuição dos efectivos no trabalho portuário. Toda esta dinâmica de mudança coexiste, em articulação ambígua, com a permanência de aspectos básicos da organização das equipas, de hierarquias rígidas e complexas dos trabalhadores portuários, das redes de recrutamento e de influência, dos códigos de comportamento.

As colectividades de cultura e recreio são outro vector dinâmico de mudança e permanência. Há cerca de uma dezena destas colectividades em Alfama, cuja vida colectiva se processa, em grande medida, em seu redor. Prestam alguns serviços fundamentais, como por exemplo os banhos, dado que grande número das habitações não têm ainda instalações para esse fim. Reúnem-se os sócios aí, onde, no dia-a-dia, vêem televisão, tomam a bica e o bagaço, bebem cerveja, jogam cartas e dominó, bilhar e ténis de mesa. Algumas promovem teatro, projecções de filmes, sessões de fado. Quase todas dinamizam práticas desportivas, muito especialmente o futebol.

Estas colectividades foram criadas ao longo de um período de mais de cem anos. A Sociedade Boa União (no Beco das Cruzes), a mais antiga, data de 1870. O Clube Sportivo Adicense (na Rua Norberto de Araújo e na Rua de São Pedro) foi fundado em 1916. O Clube Recreativo 21 de Março (na Rua Norberto de Araújo) foi fundado no dia que o nome indica do ano de 1927. De 1940 são tanto o Ginásio Clube de Alfama (na Rua do Vigário) como o Tejolense Atlético Clube (nas Escolas Gerais). O Sport Benfica Corvense (na Rua dos Corvos e na Rua das Escolas Gerais), data de 1961 e o Centro Cultural Magalhães de Lima (no Largo do Salvador) de 1975. Como se vê, foram-se formando em diversas conjunturas históricas. À respectiva fundação presidiram também diferentes finalidades explícitas: convívio, beneficência, formação cultural, desporto. As primeiras colectividades apareceram como expressão de preocupações de demarcação social de sectores da pequena burguesia local face a um meio envolvente com um estilo de vida mais popular e marginal, e com intuitos de divulgação cultural, a que não é alheia a influência da obra de publicistas republicanos e socialistas dos finais do século XIX e princípios do século XX. Apresentavam-se, e apresentam-se, como alternativas a outros centros de sociabilidade quotidiana, nomeadamente às tabernas. De uma forma geral, parecem atravessar ciclos de maior ou menor pujança, muito ligados à presença activa ou relativo afastamento das gerações que as fundaram ou que, em determinadas épocas, lhes vieram dar novo rumo e renovados incentivos. Actualmente são das formas institucionais mais importantes da vida do bairro e constituem sedes de estruturação e afirmação de grupos locais, pontos de apoio de estratégias de

poder e de influência. Nelas, ambivalentemente, se prolongam as redes de relações e as formas de sociabilidade que têm duradouramente caracterizado o bairro e, ao mesmo tempo, nelas se processam dinâmicas de transformação dos grupos, das práticas sociais, dos valores e das estratégias de vida.

Para dar apenas mais dois exemplos, a ambivalência entre permanência e mudança está presente no sentimento generalizado dos mais velhos de que «hoje se vive melhor», no plano do trabalho e do bem estar económico, mas de que «dantes é que era bom», no plano de convívio, da festa e da confiança entre as pessoas. Está presente também no facto de, hoje em dia, todas as pessoas em Alfama verem televisão, mas não terem deixado por isso de ser exímios produtores de formas de sociabilidade e de expressão cultural muito próprias e exuberantes. Em Alfama o consumo da cultura de massas intercrucza-se ambivalentemente com a produção local de formas perfeitamente características de cultura popular urbana.

3. Exibição e ocultação

Uma das características de Alfama é a da ambivalência entre uma disposição extrovertida da sua população, da exteriorização exuberante das suas formas de pensar, do seu estilo de vida e das suas práticas culturais, de acolhimento hospitaleiro do visitante, por um lado, e dum conjunto de mecanismos de camuflagem, de táticas de ocultação, de atitudes de convívio implícita, de códigos de relacionamento exclusivamente partilhados pelas gentes do bairro, por outro. Dois exemplos, de carácter muito diverso, serão suficientes para ilustrar esta dimensão das ambivalências de Alfama.

Um deles diz respeito ao fado. Na imagem corrente, o fado conota «identidade nacional», «cultura do povo português» e, em particular, velha Lisboa, bairros populares alfacinhas. Como é então o fado em Alfama? Surpreendentemente, a resposta que obtivemos ao longo de um primeiro período de trabalho de campo era, sistematicamente, a de que já não havia fado em Alfama. Existiam ali, é claro, casas de fado comerciais. Mas fado amador, inserido nas práticas do quotidiano da população, diziam-nos que era coisa de outros tempos, que agora já não se conseguia encontrar. No entanto, com a continuação da presença no bairro, fomos dando conta de que esta atitude reflectia principalmente uma preocupação de construir perante o estranho uma imagem inócua de Alfama.

Tratava-se de um procedimento que traduzia um conceito de cultura eivado dos pressupostos da cultura dominante. Ou, melhor dito, reflectindo o que os moradores do bairro pensavam ser os critérios de legitimidade e de valorização da cultura erudita. Assim, a prática fadista não seria digna de ser considerada uma prática cultural legitimada. Pelo contrário, na sua versão amadora, estigmatizada precisamente com a designação de «fado vadio», estaria associada a um mundo

suspeito de marginalidade, boémia e vício. Entretanto, de facto, a observação prolongada mostra que em Alfama praticamente toda a gente canta um fado, tem-no presente na ideia, vive com o imaginário povoado dos textos, dos sentimentos, dos ritmos fadistas. Cada um sente-se, também, como um secreto ou declarado intérprete de eleição. Não são raros os que compõem a sua letra.

No fado de Alfama encontrámos, entre outras, as dimensões do trágico e do contraste. O trágico remete para problemas básicos da experiência existencial, da vida e da morte, da paixão e do imprevisto, em que ambigualmente se sobrepõem significações de determinismo inelutável e de responsabilidade individual. No contraste está presente a igualmente ambígua expressão cultural da relação de oposição e de simbiose clientelista entre ricos e pobres, poderosos e dominados, *élites* e plebe.

O que importa aqui salientar é que muitas das regras da cooperação, da concorrência e do conflito, das normas de lealdade, dos códigos de reconhecimento e das tácticas de relacionamento com os outros, que fazem parte das actividades profissionais ou paraprofissionais e da vida quotidiana do bairro, veiculam-se através de práticas culturais como o fado, reproduzindo-se e reconfigurando-se de modo informal e defendido dos olhares exteriores. O fado amador, tal como os outros aspectos da cultura popular local, é ambivalentemente uma das formas pelas quais esta unidade social mais nitidamente afirma a sua identidade face ao exterior enquanto, ao mesmo tempo, veicula internamente, para os protagonistas das relações sociais bairristas, códigos simbólicos organizadores das interacções locais, cujo significado é em boa parte oculto para os olhares estranhos, cuja natureza é em boa medida a da camuflagem e cuja eficácia depende precisamente desse carácter de invisibilidade externa. Invisibilidade esta que, sublinhe-se, é tanto mais conseguida quanto, em vez de um segredo explícito e organizado, se produz através de práticas culturais ostensivas, mas cuja chave de descodificação local só a adquire quem está inserido na trama social de Alfama e pratica continuamente a sua vida quotidiana⁶.

O outro exemplo diz respeito aos quantitativos da população do bairro e às suas origens geográficas. Há uma grande disparidade entre o número de residentes no bairro dados pelas estatísticas oficiais (o último Recenseamento Geral da População, de 1981, indica o valor, para o conjunto das freguesias de Santo Estêvão e São Miguel, de 8132 habitantes) e um conjunto de outros indicadores, desde os recenseamentos eleitorais e a opinião dos autarcas locais até elementos obtidos por observação directa. Porquê? Uma das razões é muito simplesmente a grande sobrelocação que existe no bairro, com familiares e não familiares amontoados

⁶ Além de António Firmino da Costa e Maria das Dores Guerreiro, *O Trágico e o Contraste — O Fado no bairro de Alfama*, op. cit., ver também Maria das Dores Guerreiro, *Mulheres do Fado, Fados de Mulher*, Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, Lisboa, ISCTE, 1986.

em minúsculas divisões de casas velhas, deterioradas e mal equipadas. A sobrelocação não é declarada, por receio do controlo oficial, por mais que os agentes do recenseamento garantam a confidencialidade dos dados.

Uma parte importante da referida disparidade resulta do facto de, ao contrário da imagem que se tem habitualmente do bairro e que os seus moradores não desmentem ao primeiro contacto, uma fracção apreciável dos habitantes de Alfama (mais de metade) não ser originária do bairro mas ter nascido, sim, em regiões rurais. Mais ainda, cerca de metade dos que nasceram em Lisboa têm pais de origem rural. Além disso, os pontos de partida destes migrantes não se dispersam aleatoriamente pelo conjunto do território nacional. Antes se concentram na região da Cordilheira Central, em concelhos como Pampilhosa da Serra, Góis, Lousã, Castanheira de Pera e Figueiró dos Vinhos. Alfama funciona como bacia de recepção de um fenómeno localizado de migração em cadeia. As relações de interconhecimento, nos locais de origem e na área de destino, são decisivos neste fluxo migratório. São relações de parentesco e de conterraneidade, de amizade, de vizinhança e de patrocínio que presidem continuamente ao desenrolar de complexas estratégias de mobilidade geográfica e, mais latamente, de reprodução e reconversão social. E isto, desde a elaboração do projecto migratório inicial até aos mecanismos de inserção nas relações sociais urbanas e de acesso aos respectivos recursos. É através destas redes de relações que os migrantes arranjam emprego (na estiva, no funcionalismo público, em actividades comerciais) e alojamentos. Frequentemente, numa primeira fase a instalação é precária, em compartimentos ou partes de compartimento de familiares ou conterrâneos e sob várias formas de subaluguer. São situações que os protagonistas definem como provisórias mas que às vezes se prolongam por décadas. Noutros casos o migrante consegue, à medida que se vai relacionando com o meio urbano, ter acesso a alojamento próprio, no bairro ou fora dele. Noutros casos ainda é o primeiro migrante que se muda, ou porque num processo de mobilidade espacial e social em duas etapas tem agora condições para se instalar numa outra zona da área metropolitana (de urbanização mais recente e num alojamento mais desafogado), ou porque regressa, reformado ou não, à terra de origem, deixando a casa em Alfama aos familiares que entretanto lá se tinham instalado.

Face à estruturação social particular de Alfama, às redes de relações sociais, às formas de dominação próprias e ao conjunto integrado e específico de práticas culturais que ali se articulam, os migrantes rurais são protagonistas de dois tipos de estratégias. Ou a de uma integração rápida nas formas de sociabilidade e nos códigos de comunicação próprios do bairro, apresentando a curto trecho o tipo acabado da personalidade e das maneiras de agir «populares lisboetas». Ou uma estratégia de isolamento, feita de um quotidiano de trabalho árduo, de um importante esforço de poupança e de uma permanente referência cultural explícita à região de origem. Alguns destes últimos vivem polarizados por associações regionais, como

a Casa do Concelho de Pampilhosa da Serra. Instalada num grande edifício, na Rua das Escolas Gerais, em Alfama, ela é, por assim dizer, a materialização institucional da presença dos migrantes daquela zona das Beiras, enquanto relativamente à margem da vida colectiva do bairro nas suas práticas características. Mas note-se que aqueles dois tipos de estratégia raramente existem no estado puro. É verdade que a um certo nível da configuração cultural do bairro (nível este dificilmente perceptível do exterior) as pessoas são alvo de uma classificação em que se contrapõem dois estereótipos: o dos «da província» e o dos «do bairro». No entanto esta dicotomia não recobre linearmente as reais origens geográficas. Antes rotula, precisamente, os grandes tipos de forma de inserção nas relações sociais locais e nas práticas do quotidiano alfamista. É notório, por exemplo, que muitos dos migrantes rapidamente se encaixam na imagem dos competentemente urbanos. Por outro lado, as situações empiricamente verificáveis são normalmente formas mistas, combinações de estratégias e de procedimentos, com dominâncias de componentes de um e de outro tipo. Além disso, na trajectória social dos migrantes (e nas trajectórias plurigeracionais) podem suceder-se e mesmo alternar-se os tipos de inserção e a dominância das orientações estratégicas.

Voltamos assim às táticas de ocultação. Para poder existir e desenvolver as suas orientações de vida neste universo social denso e hipercodificado que é Alfama, qualquer um, seja lisboeta ou provinciano, precisa de se dotar rapidamente de um conhecimento, em parte consciente, em parte implícito e prático, das maneiras adequadas de proceder e interagir nas várias situações que o quotidiano social lhe impõe. Processo que, se produz uma acção reconfiguradora sobre os sistemas de disposições interiorizadas dos alfamistas de origem camponesa é, ao mesmo tempo, largamente responsável pela riqueza de aspectos e pela forte identidade da forma de cultura popular urbana que se manifesta em Alfama.

Não tem feito parte da imagem corrente de Alfama serem muitos dos seus habitantes originários, às vezes recentemente, dos campos portugueses. A ausência dessa referência tem vindo a perdurar, apesar do volume e da continuidade deste movimento migratório. Foi possível a muitos estudiosos, eruditos e curiosos passar pelo bairro, falar das suas gentes e não se aperceberem deste fenómeno. É que a «maneira de ser alfacinha», com o pressuposto de que quem a possui está e sempre esteve (pessoalmente e, mais para trás, através dos seus antepassados) intimamente familiarizado com os meandros, os recursos, os saberes e os procedimentos considerados como característicos deste espaço urbano, é um trunfo importante a ser jogado, de vários modos, no quotidiano do bairro, uma espécie de certificado comprovativo de que se pode, sabe e quer participar nas suas actividades e relações. É uma astúcia que, se começa por ser deliberada e desajeitada nos primeiros tempos de permanência dos migrantes rurais, depressa se torna elemento incorporado, componente do sistema de disposições gerador de respostas práticas nas variadas situações sociais. Trata-se de uma efectiva reconfiguração dessa gramática profunda

da subjectividade, no caso dos migrantes rurais, ou de um dos elementos dela constitutivos à partida, para aqueles que já na infância ali viveram. Em qualquer caso, é um instrumento importante para o relacionamento quotidiano entre os habitantes do bairro e não menos importante para o relacionamento com o exterior, nas situações em que há que ostentar o conjunto de potencialidades e competências sociais atribuídas ao facto de ser-se de Alfama.

4. Ambivalências sociais

Alfama é um tema inesgotável e, de qualquer modo, não há subjacente a este texto qualquer intenção de exaustividade. Pretende-se, sim, apresentar alguns dos mais salientes elementos de caracterização sociográfica e etnográfica do bairro, organizando-os de forma a explorar a capacidade interpretativa que se obtém ao realçar as ambivalências que atravessam o tecido social.

A ideia de que a realidade social é permeada de ambivalências conta com um amplo suporte na análise sociológica. Classicamente o conceito foi proposto e debatido, de forma explícita e sistemática, por Robert Merton⁷. Para Merton, a «ambivalência sociológica», como ele a designa, pode ter seis sentidos diferentes, mas afins. O tipo de ambivalência que considera mais interessante e menos estudado é o que decorre da existência de expectativas normativas conflituais definidas socialmente para um determinado papel social. Diz Merton: «A partir da perspectiva da ambivalência sociológica, vemos um papel social como a organização dinâmica de normas e contranormas, e não como uma combinação de atributos dominantes [...]. A nossa proposta é a de que as grandes normas e as contranormas menores governam alternadamente o comportamento associado ao papel, produzindo ambivalência.»⁸ O segundo tipo de ambivalência é o que envolve conflitos entre diferentes valores ou interesses ligados aos diferentes *status* que fazem parte do conjunto de posições sociais ocupadas por cada indivíduo. O terceiro tipo de ambivalência é o que pode decorrer de um conflito entre os vários papéis associados a um determinado *status* ou posição social. O quarto tipo de ambivalência tem que ver com o facto de os membros de uma dada sociedade assumirem valores contraditórios. O quinto tipo de ambivalência é o da discrepância entre as aspirações culturalmente prescritas e a estrutura de oportunidades e de meios legítimos para as realizar (contradição entre a estrutura cultural e a estrutura social, como diz Merton). O sexto tipo de ambivalência é o que se estabelece entre diferentes conjuntos de valores culturais por parte de pessoas que viveram em sociedades

⁷ Robert K. Merton, *A Ambivalência Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979 (ed. orig. 1976).

⁸ Idem, *ibidem*, p. 33.

diferentes, por exemplo os migrantes, ou por parte de pessoas que tomam por referência grupos aos quais não pertencem.

Antes e depois de Robert Merton outros nomes importantes das ciências sociais desenvolveram conceitos e produziram análises com implicações análogas. Para a presente finalidade é suficiente enumerar, a este propósito, algumas referências, deixando o aprofundamento do exame bibliográfico e do debate teórico para outra ocasião. É possível, assim, referir as análises que Karl Marx⁹ faz das «contradições do modo de produção capitalista» (por exemplo, entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção ou, a um outro nível, a lei da queda tendencial da taxa de lucro ou, a outro nível ainda, as implicações ambivalentes da dupla face da mercadoria enquanto valor de uso e enquanto valor de troca); ou a utilização por Max Weber¹⁰ de «tipos ideais» com características complementares ou opostas na análise, em termos de pluralismo causal, de certos fenómenos sociais (por exemplo, a ambivalência entre a ética das responsabilidades e a ética das convicções na actividade do político profissional); ou ainda a combinação de contrários, que, para Georg Simmel¹¹, são as «formas de sociação» (por exemplo as do conflito, do segredo, do coquetismo ou do estrangeiro). Mais recentemente, mas numa ordem de ideias semelhante, têm surgido conceitos como o das «oposições complementares», que, para Georges Balandier¹², constituem as lógicas dinâmicas do social, ou o de «contradições sociais», definidas por Anthony Giddens¹³ como oposição ou disjunção de princípios estruturais dos sistemas sociais, princípios esses que operam nos termos um do outro mas que ao mesmo tempo se contrapõem entre si, ou ainda os de «ambiguidades», «simbioses» e «tensões» entre as «polaridades» em que, para Michel Maffesoli¹⁴ se organiza a vida quotidiana.

Nesta descrição analítica e interpretativa de aspectos de Alfama, pegou-se inicialmente num conjunto de formas ambivalentes. Mas era possível ter começado por outras. Uma boa parte das facetas do bairro acima evidenciadas teria voltado a aparecer, com diferente arrumação. Outras, por sua vez, teriam ficado mais directamente em foco ou surgido de novo. Em Alfama, as formas ambivalentes entrecruzam-se e intersectam-se, numa trama tão apertada e labiríntica como a da morfologia física do bairro. A propósito dos mesmos ou de diferentes materiais de evidência empírica, a análise de cada relação de ambivalência lança luz sobre um novo sistema de mecanismos sociais ou sobre uma nova constelação de significados e significantes culturais. Seria possível, em Alfama, analisar a ambivalência entre

⁹ Karl Marx, *Le Capital* (3 vols.), Paris, Éditions Sociales, 1977.

¹⁰ Max Weber, *O Político e o Cientista*, Lisboa, Presença, 1973.

¹¹ Georg Simmel, *Sociologia* (2 vols.), Madrid, Alianza Editorial, 1986.

¹² Georges Balandier, *Antropo-logiques*, Paris, Presses Universitaires de France, 1974.

¹³ Anthony Giddens, *The Constitution of Society*, Cambridge, Polity Press, 1984.

¹⁴ Michel Maffesoli, *O Conhecimento do Quotidiano*, Lisboa, Vega, s/d.

integração e clivagens. O bairro é, a vários títulos, uma comunidade integrada. Existe ali um forte sentimento de pertença e de identidade colectiva. As relações sociais formam uma teia espessa e densamente entrelaçada. Os mecanismos endógenos de socialização, de aculturação e de controlo social são intensos e apertados. Mas, ao mesmo tempo, o bairro é sulcado por inúmeras e importantes clivagens. Uma das mais acentuadas é a das rivalidades entre as duas freguesias, a de Santo Estêvão e a de São Miguel. Outra resulta da compartimentação do bairro em subunidades de menores dimensões, normalmente envolvendo um espaço aberto (pequenos largos, lanços de escadas, becos), uma colectividade, uma ou duas tabernas, cafés ou leitarias-mercearias. Esses sítios, com os seus moradores e frequentadores, constituem-se em pólos atractores das redes de relações e das sociabilidades locais, em constante rivalidade, latente ou manifesta, uns com os outros.

Outras clivagens foram já afloradas, por exemplo, as que se estabelecem entre o estereótipo do «alfacinha de gema» e o estereótipo do «serrano», ou as que opõem os detentores locais de lugares de poder e de posições de prestígio social aos mais desmunidos de recursos materiais e simbólicos. A este respeito, aliás, numa perspectiva parcialmente diferente, poder-se-ia falar, em Alfama, de uma ambivalência entre *homogeneidade* e *desigualdades* sociais. O contraste entre diferentes classes e diferentes lugares nas hierarquias sociais é, ambivalentemente, traduzido em formas de expressão cultural partilhadas por todos os habitantes do bairro, como por exemplo os fados de contraste, de que se falou atrás.

A *solidariedade* que se manifesta em práticas de entreaajuda nos círculos de vizinhança, em cumplicidades face ao exterior ou em recolhas de fundos para pessoas doentes, coexiste ambivalentemente com um *individualismo* interesseiro e egoísta que inibe ou dificulta muitas vezes a cooperação na gestão de uma colectividade, na conservação de um prédio ou na manutenção da limpeza de uma rua.

A oscilação ambivalente entre *normas* e *contranormas*, por exemplo nos planos da moralidade sexual, das relações familiares, da posição perante certas infracções à legalidade, das lealdades locais, das orientações de vida, entre outros, dá origem, quer à explosão vulcânica de conflitos quer ao accionamento de mecanismos extremamente eficientes que permitem digerir e ultrapassar situações difíceis, reinserindo os respectivos protagonistas na trama social local e no fluxo normal da vida quotidiana ¹⁵.

A compreensão das relações e das práticas sociais de Alfama sugere dois planos de análise e a sua articulação. Por um lado, o bairro é, e sempre foi, uma realidade urbana, relacionada com o conjunto da cidade de Lisboa, inserido nas e atravessado pelas relações sociais que prevalecem a nível da formação social portuguesa considerada no seu todo. Em Alfama a vida está, também ali, estruturada pelas classes, fracções e categorias sociais, e pelos conflitos e alianças que permanentemente se

¹⁵ Ver Maria das Dores Guerreiro, *Mulheres do Fado, Fados de Mulher*, op. cit.

estabelecem entre elas; em Alfama observam-se as repercussões das conjunturas, dos ciclos e das alterações estruturais da economia, observam-se os prolongamentos das lutas políticas, constata-se a presença das diversas linhas de orientação ideológica e dos múltiplos modos culturais. Alfama participa da estrutura e da dinâmica da sociedade em que está inserida.

Mas, simultaneamente, Alfama é um espaço social extremamente fechado sobre si próprio, para o que não deixam de contribuir desde factores ecológico-urbanísticos, a própria conformação física do bairro, a forma da sua malha urbana, o seu aspecto materialmente fechado, de mundo à parte, até à natureza demarcada das actividades que aí se exercem, passando pelas hierarquias sociais locais e pelo carácter muito próprio e marcado de formas culturais que constituem e exprimem, nos planos do quotidiano e das práticas simbólicas, a vida colectiva do bairro. Alfama possui pois um tecido social específico, uma estrutura e uma dinâmica próprias, através de cuja mediação necessária as forças da vida social englobante são obrigadas a filtrar-se, modificando-se.

Poder-se-ia falar aqui, retomando um par clássico de conceitos sociológicos, da ambivalência entre a *dimensão societária* e a *dimensão comunitária* de Alfama. Ambivalência esta que de algum modo sumaria, sem lhes anular a especificidade, todas as outras formas ambivalentes que se procurou inventariar no bairro de Alfama.